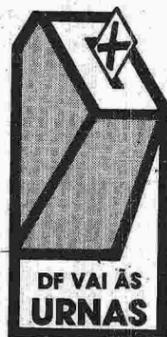


# Ada de Lucca critica política de Roriz

Ailton C. Freitas

Oswaldo Buarim Jr.



Fazer uma campanha "do verbo contra a verba" para vencer a candidatura "do cruzeiro" de Joaquim Roriz e Márcia Kubitschek ao Governo do Distrito Federal, em outubro próximo. Esta é a proposta de Ada Faraco de Lucca, candidata a vice-governador na chapa encabeçada pelo ex-governador Elmo Serejo, da coligação PL/PMDB. Ela afirma que preferia disputar um cargo proporcional e admite que o convite para chapa majoritária alivia as finanças familiares — o seu marido, deputado federal Walmor de Lucca, é candidato a reeleição por Santa Catarina. Natural de Criciúma (SC), Ada garante que política é o seu "oxigênio", herança do avô, prefeito da cidade por 15 anos, e do pai Ado Faraco, ex-assessor do presidente João Goulart e cassado e pre-

so durante o governo militar. Extrovertida, Ada de Lucca pediu algumas vezes para que fosse interrompida a gravação para evitar grosserias, comentários muito críticos sobre seus adversários ou respostas que criem polêmica em seu próprio partido. Nesta entrevista, ela fala dos problemas de Brasília e propostas para solução, principalmente na área de saneamento básico e geração de empregos. Sobre a função de um vice-governador, a candidata não se arrisca a dizer muita coisa, apenas que vai trabalhar em sintonia com o governador Elmo Serejo, se vencerem a eleição, para ampliar o bem-estar social da população hoje morando sob viadutos e passarelas — numa estranha convivência com os monumentos da capital. Ligada "emocionalmente" a Santa Catarina, Ada de Lucca garante que sua atividade política está mesmo em Brasília, onde já trabalhou no movimento pela Anistia, Diretas Já e na campanha de Ulysses Guimarães.



Ada Faraco de Lucca, catarinense de Criciúma, diz que se identifica com a social-democracia

## A entrevista

Jornal de Brasília — Mulher entende de política?

Ada — Mulher entende e entende muito de política, porque a vida, o dia-a-dia, a política da boa vizinhança, a política de bem administrar o lar, a política de uma mulher mãe de família, que ela tem que ter muitas vezes com as escolas nas quais os seus filhos estudam, a política faz parte do dia-a-dia da mulher, da roupa que ela usa, do calçado que ela veste, da comida que ela come. Tudo isso é política.

E o seu marido aprova sua militância partidária?

— Ah, sempre me deu todo o apoio. Nunca fez objeções. Os pontos de vista várias vezes já foram divergentes, só que sempre 90% são convergentes, porque a gente luta por uma mesma causa, por um mesmo ideal, e é isso que está faltando hoje no mundo político.

Qual é o seu ideal?

— Olha, eu por excelência sou uma social-democrata. Acho que todas as opiniões que tu tens, o ideal que tu tenhas, a filosofia política que tu tenhas, se ela for muito extrema, tanto a de direita quanto a de esquerda, para o nosso País ela não seria aplicável. O que eu penso é a igualdade, é o direito de viver dignamente, é o direito do sujeito ter habitação, é o direito das pessoas terem estudo, de poderem se alimentar, não como existe aqui em Brasília, que é um exemplo, tu vês aqui no Plano Piloto essas obras suntuosas, essas maravilhas, esses concretos todos e vês embaixo de um viaduto uma família. Esse disparate eu não aceito.

O que você acha da aliança com o Partido Liberal e sua candidatura a vice na chapa de Elmo Serejo, ex-governador de Brasília durante a ditadura militar, e que construiu a maioria desses monumentos de que você falou?

— Olha, por excelência o Dr. Elmo é um homem voltado para administração. Ele é um engenheiro, ele construiu os viadutos, sim. Mas ter construído esses viadutos não quer dizer que ele queira ou que ele goste de olhar esses desgraçados morando com quatro cinco filhos embaixo de viadutos. Elmo Serejo serviu ao sistema, está certo.

Ele participou dos governos, não nego. Agora, não me envergonha, porque foi um homem sempre de muito caráter, honesto e decente. E o mais importante, ele voltou para se submeter aos votos. O povo vai decidir, porque não é porque ele pertenceu ao sistema, à ditadura passada, que ele será uma pessoa ruim. Eu vejo com essa ótica porque também tiveram pessoas boas. E eu o classifico como uma pessoa de muita decência, muita honra, muita dignidade e com muita capacidade, mas muita mesma, capacidade de estar no comando do Distrito Federal. Uma outra razão também é que Dr. Elmo vai governar do Distrito Federal para o Distrito Federal. O brasileiro, ele precisa, ele necessita, já, urgente,

**Elmo Serejo serviu ao sistema. Ele participou dos governos, não nego. Mas não me envergonha, porque sempre foi um homem de caráter, honesto.**

de governantes com olhos voltados para o Distrito Federal e não para os Estados vizinhos.

Quais são os principais problemas do Distrito Federal e como solucioná-los?

— Veja bem: nesses assentamentos colocaram o povo lá em cima, com demagogia, para quê? Sem água, sem luz, sem esgoto. Tenho certeza que o governo Elmo Farias fará a sua administração inicial voltada a esses principais problemas que o povo brasileiro está enfrentando, o saneamento é fundamental. São problemas, inclusive, geradores de outros problemas como a saúde das crianças, dos idosos, em função de que não é colocando as pessoas nesses assentamentos e lá deixando-as, jogando-as, afastando-as de todo o contexto,

ficando naquele isolamento, sem ter condições mínimas ou básicas de viver. É uma coisa muito estúpida. Na minha ótica eu não consigo enxergar isso aí, é inviável para mim. Então essa seria a primeira providência. A segunda é o desenvolvimento de Brasília já, com micro e pequenas empresas, com fábricas geradoras de serviços, porque também não adianta tu teres colocado essas pessoas lá, sem condições humanas de vida e elas também não têm emprego. Então, nós temos que gerar rapidamente é trabalho para esse povo desempregado que está aí já residindo, fora a migração de outros Estados, e fora o desemprego agora com o Plano Collor.

Por falar em emprego e Plano Collor, o que você acha da reforma administrativa, principalmente em Brasília?

— Como o presidente Collor em sua campanha prometeu nos palanques que ia botar 360 mil para a rua, ele está colocando. Talvez até ele chegue a atingir o seu objetivo. Porém, ele está colocando o povo que mais necessita de trabalhar, o que mais carece de se alimentar, o que mais carece de se vestir, o que mais carece de viver e de sobreviver nesse País. Esse plano, do meu ponto de vista, está todo errado.

Como um governador eleito pode resolver este problema de emprego, que será criado no Distrito Federal?

— Ah, sem dúvida vai haver um inchaço muito grande de desempregados, fora os que já residem e já estão aqui, fora os que vêm de fora, a migração dos outros Estados, e eu tenho certeza que o Dr. Elmo, com o espírito que ele tem, como eu canso de dizer, humano, muito humano, ele vai ativar rapidamente o incentivo a pequenas, médias e microempresas, fábricas não-poluente, como de laticínios, que em Brasília não tem nada. Fábrica de plásticos, copos de plásticos, sacos plásticos. Enfim, no campo industrial ele vai ampliar isso aí correndo para gerar empregos.

Brasília possui hoje graves problemas sociais, como saúde,

educação e os 50 mil menores abandonados e 400 mil menores carentes. O que se pretende fazer nestas áreas?

— Na minha opinião, no meu ponto de vista, tudo começa com os pais tendo trabalho. Porque é muito comum quem pára nessas tesourinhas ver uma mãe carregando mais três filhos, pedindo dinheiro na hora em que fecha o semáforo. Isso aí tem causa. Toda causa tem um efeito. Para mim, a causa dessas crianças, desses menores abandonados, dos meninos de rua, são pais desempregados. Então começa com geração de emprego, gerando trabalho, gerando empresas, micro, média, pequena, fábrica não-poluente, óbvio, dando emprego aos pais, dando creches às crianças, porque nem sempre o emprego de um pai, de um chefe de família cobre às despesas. A mãe teria que trabalhar também. Mas ela teria que trabalhar e sairia tranquila porque deixaria o seu filho na creche do Estado e pegaria só no fim de semana, mantida pelo Estado, certo? Nós diminuiríamos assim quase que 90% desses menores abandonados, dessas crianças que estão aí hoje subnutridas, expostas a todo tipo de risco de vida, expostas a milhões de doenças. Todas essas crianças com os dentinhos todos cariados, como eu um dia socorri aqui no Conjunto Nacional, um menino que eu não sei quem é, socorri e levei ao dentista, chorando, urrando, gritando. Era dor de dente.

Vai ser difícil evitar a polarização de sua candidatura com a da deputada Márcia Kubitschek, da chapa de Joaquim Roriz, já que até o PMDB assumiu sua escolha como tentativa de conquistar o eleitorado feminino. Como vai ser isso?

— Eu não pretendo entrar em ataques, em agressões, até porque não teria razões pessoais nenhuma. Agora, ideologia ela tem a dela e eu tenho a minha. Isso aí o povo é quem vai julgar. Eu sou obrigada a transmitir para as pessoas o que eu penso, o que eu imagino, o que eu idealizo. Eu não posso forçar nin-

guém a aceitar. As pessoas aceitam se quiserem. Eu acho que a deputada Márcia fará igual. E não pretendo criar mal-estar nem para ela nem para mim, mas também não fujo de parada nenhuma. Acontece que no Brasil somos 52% da população, a mulher hoje é importantíssima em qualquer campanha eleitoral, em qualquer votação que tiver. Não só na época de política, porque a mulher também tem participação ativa na vida da sua comunidade. Então, eu pretendo fazer com que as mulheres votem nas minhas propostas, mas eu não pretendo fazer um discurso direcionado só à mulher, não é só ao sexo feminino. Eu pretendo ter um discurso, uma mensagem, uma palavra ao eleitor. Ao eleitor está incluída a mulher. Voltado logiea-

**O povo hoje está bem esperto, tem os olhos voltados para quem quer administrar bem, para quem não vai com demagogias, para quem vai com a verdade.**

mente com os olhos para a mulher. Agora, não quer dizer que eu vá fazer um discurso feminino e um masculino, até porque eu acho que a minha linguagem é uma só, a minha ideologia é uma só e serve para quem aceitar. Seja ele feminino, masculino.

O que a senhora acha da pesquisa do DataFolha que colocou o candidato Elmo Serejo em terceiro lugar na corrida ao Palácio do Buriti — com 5% das intenções de voto — ao mesmo tempo em que Joaquim Roriz caiu 8%. As duas coligações vão disputar votos na mesma faixa de eleitores?

— Com todo o respeito que tenho ao candidato, ao adversário do Dr. Elmo, Joaquim Roriz, ex-governador de Brasília, pela mi-

nha ótica ele já está fazendo campanha há muito tempo. Há muito tempo mesmo. E só não enxerga quem é cego, não é? E o ex-governador Joaquim Roriz, no meu ponto de vista também é um representante da situação, até porque ele está apoiado pelo PRN. O PRN hoje é o partido que está no poder.

E o pessoal do Cruzeiro, — não é Cruzeiro cidade-satélite. Cruzeiro dinheiro —, também está do lado dele. O monopólio aí das construtoras todas ao lado dele. Então, eu tenho certeza absoluta que vai ser a campanha do verbo contra a verba e haveremos de vencer, porque o povo hoje está bem esperto, tem os olhos voltados para quem quer bem administrar, quem não vai com demagogias e quem vai com a palavra da verdade. Nós temos que ter, acima de tudo, a consciência de que política não é brincadeira. Com o ser humano também não se brinca.

O que a senhora fará se, após o primeiro turno eleitoral, Elmo Serejo apoiar Roriz, ou vice-versa, para enfrentar uma possível candidatura de esquerda no segundo turno?

— Bom, isso eu não posso responder pelo Dr. Elmo. Que fique bem claro. Eu não posso responder pelo candidato a governador. Eu poderia responder por mim, pela minha pessoa. Nada impede de eu cruzar os meus braços. Eu acho que desde a hora que tu não aceites determinadas idéias tu não pode depois a vir compartilhar com elas. Eu não costume pular de galho em galho. Sou fundadora do MDB, hoje estou no PMDB e nele vou permanecer. Como é uma coligação, Dr. Elmo e eu, hoje. Na vitória, quem quiser nos apoiar é problema da pessoa que quiser vir a nós. Agora, quanto a mim, Ada, nada impede que eu cruze os meus braços. Nada vai me impedir disso aí, porque eu tenho que ter sempre na minha cabeça o compromisso com a minha palavra, com o que eu falei na imprensa, na televisão e nos palanques. Jamais vou decepcionar o povo, o eleitor que em mim depositou o seu voto.